



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de lançamento da TV Brasil Internacional

Palácio Itamaraty, 24 de maio de 2010

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social,

Ministros aqui presentes, Juca Ferreira, da Cultura; José Filardi, das Comunicações; Dulci, da Secretaria-Geral, e Nilcéa Freire, de Políticas para as Mulheres,

Embaixador Murade Murargy, embaixador de Moçambique no Brasil, por meio de quem cumprimento os demais integrantes do corpo diplomático aqui presentes,

Nossa querida senhora diretora-presidente da Empresa Brasil de Comunicação-EBC, Tereza Cruvinel,

Nossa querida senhora Maria Helena Chiarelli, gerente-executiva do canal internacional da TV Brasil,

Companheiros jornalistas aqui presentes, os que estão trabalhando e os que estão assistindo,

Meus amigos e minhas amigas,

No início, eu pensei que eu ia ter um *tête-à-tête* aqui com o Guebuza, diretamente de Moçambique, de Maputo, com Brasília, mas o presidente Guebuza teve que sair para uma atividade e mandou uma mensagem gravada, aqui, portanto, nós não vamos poder fazer um pouco de troca de ideias entre Moçambique e Brasil ao vivo, fica para a próxima oportunidade.

Segundo, dizer para todos vocês, que vieram aqui, que nós estamos realizando mais um sonho. É um sonho que nós ainda não acordamos. Nem todo mundo tem o privilégio de estar sonhando com uma coisa boa, voltar a



dormir e continuar o sonho. Nós estamos sonhando, ainda, em ter uma TV pública do tamanho do Brasil, da grandeza do Brasil e com a qualidade do povo brasileiro. Pensar isso há algum tempo era muito difícil, porque se criou no Brasil a ideia de que tudo que era público não prestava e tudo que era privado era centro de excelência.

A crise econômica internacional, acontecida no seio dos países ricos, mostrou que quem estava mais preparado para enfrentar a crise eram exatamente aqueles países que tinham estruturas públicas de bancos que deram sustentação à crise, ou seja, o mercado não foi capaz de resolver o problema da crise que eles próprios criaram, e foram aqueles países que tinham o Estado funcionando corretamente, com estruturas sólidas como o Brasil tem, que conseguiram ser menos vulneráveis à crise e conseguiram sair primeiro dessa crise.

Nós, agora, estamos tentando provar, mais uma vez, que tudo que é público, que é feito com seriedade, e tudo que é privado, que é feito com seriedade, é bom. E quando o privado e o público são bons quem ganha, na verdade, é o povo do país e, no caso, o povo brasileiro.

Eu sempre tive uma preocupação porque aqui, no Brasil, nós rebaixamos muito o debate político. De vez em quando, eu fico imaginando que muita gente que faz análise sobre a situação política do Brasil fez curso de doutorado no exterior. Então, é gente com a mentalidade do exterior tentando analisar um problema eminentemente nacional, que é a classe política nacional, que são os problemas políticos nacionais. E, muitas vezes, nós nos rebaixamos demais.

Tem gente que elogia, de forma extraordinária, a BBC, que é uma rede de comunicação pública, mas... não se preocupem com o som, porque tem um movimento aqui, três mil pessoas do Santo Daime, que estão reivindicando a legalização. Obviamente que se eu pudesse teria convidado-os para vir aqui, para alegrar a nossa festa, mas não posso, deixa eles conquistarem do



Congresso Nacional a aprovação do que eles desejam, e nós, aqui, vamos continuar na nossa rede pública.

Pois bem, então, o que nós queremos provar, na verdade? Nós queremos provar que é possível fazer uma TV pública de qualidade, republicana, que não seja nem “chapa branca” mas que também não seja oposição *a priori*, que tenha discernimento de fazer a análise política correta, de contar os fatos como eles são, desagrade a quem desagradar ou agrade a quem agradar. Nós queremos uma TV pública que possa mostrar o Brasil lá fora, como ele é.

E vejam que engraçado: por coincidência, começamos pela África. E quando os africanos assistirem à parte da programação da TV Brasil Internacional, eles vão pensar que é a TV africana, tal é a similaridade de comportamento, o jeito alegre, o resultado da miscigenação que é o povo brasileiro, não vai ter muita diferença. Inclusive, inclusive não apenas os de língua portuguesa, mas outros, vão perceber que têm muitas palavras que nos identificam há muitos séculos.

Essa TV pública, ela pretende ser a cara do Brasil no exterior, porque se eu pudesse medir a qualidade do que tem até hoje, Tereza, parece que quando nós fazemos as coisas lá para fora, nós colocamos apenas os piores momentos. Vocês já viram os piores momentos na vida de algum de nós? Já viram numa partida de futebol, os piores momentos? Numa campanha política, os piores momentos? Então, nós não queremos que fique lá fora a imagem dos piores momentos deste país. Nós queremos que fique lá fora a imagem do que nós somos, como somos e por que somos assim.

Uma televisão que possa discutir política com clareza, que possa discutir economia com clareza, que possa dar uma outra visão de que o mundo não tem apenas a língua inglesa, de que o português só vai se respeitar quando ele for ouvido e quando ele for falado.

É muito engraçado, Franklin Martins, quando eu viajo para o exterior, os



mesmos desenhos que a gente vê no Brasil, você vê na China, você vê na Tailândia, você vê na Argentina, você vê em qualquer... vê na África. Em qualquer país do mundo, ligou a televisão, o desenho é o mesmo, você não precisa nem saber a língua mais, no meu caso, Marco Aurélio, só pela leitura labial já estou entendendo tudo, já estou conseguindo ver os filmes.

Então nós, nós, na verdade, deveremos entrar como se fosse uma coisa, primeiro, simples do jeito que nós somos, mas com a qualidade de um país que é capaz de produzir uma televisão como poucos países do mundo produzem. Nós não temos que aí ficar com a preocupação se é pública ou privada, a verdade é que a televisão brasileira é uma televisão de exímia qualidade, e é essa qualidade que nós queremos apresentar ao mundo, mas uma qualidade sem o preconceito porque é pública, uma qualidade que possa fazer com que as pessoas conheçam o Brasil do jeito que nós somos.

Eu sei que foi muito difícil, primeiro porque algumas pessoas não acreditavam, mesmo dentro do governo, algumas pessoas não acreditavam. Então, é assim mesmo o mundo. Depois, quando o Franklin chegou: “Vamos batalhar”. Eu achei que era mais fácil, achei que a gente ia ter muita facilidade mas, também, não tem facilidade, as pessoas dificultam. E, depois, aquele negócio: “Mas isso aí é uma televisão para falar bem do Lula. É uma televisão...” Eu estou num momento da minha vida que quanto mais mal de mim eles falam, melhor para mim. Porque quando se mente demais, as pessoas descobrem que é mentira. Então, eu não queria uma televisão para falar bem do Lula, eu queria uma televisão para falar bem deste país, para divulgar as coisas boas do Brasil, para mostrar o potencial turístico do Brasil, para a gente poder fazer universidade a distância, via internet, através da nossa TV Brasil Internacional, que a gente possa formar companheiros africanos e companheiras, a começar pelos países de língua portuguesa.

Aliás, foi aprovado na Câmara o projeto de lei criando a Universidade Afro-brasileira, que vai ser construída na cidade de Redenção, no estado do



Ceará, para que a gente possa ter metade de alunos brasileiros e metade de alunos africanos. E, assim, nós vamos pagando um pouco da dívida que a gente tem com o continente africano, que é uma dívida que não pode ser mensurada em dinheiro, ela não pode ser mensurada em dinheiro, ela tem que ser mensurada em solidariedade, em parceria, em fraternidade. É essa coisa que nós precisamos pagar ao continente africano.

Depois, na instalação, eu imaginei que quando a gente aprovou a lei, no Congresso Nacional, que aprovamos o Orçamento, eu falei: “Agora vai”. Aí, eu tinha me esquecido de que a Tereza tem que passar pela tramitação normal da legislação de licitação neste país, e tudo que uma empresa privada pode comprar em uma semana a gente leva sete meses, oito meses, nove meses, é tudo mais complicado, porque passa essa impressão que tudo que é privado é honesto e tudo que é público é desonesto. Se a gente fizesse uma aferição, a gente poderia perceber que tem muita similaridade, tanto para um lado quanto para o outro lado.

De qualquer forma, eu reclamava muito com o Franklin, eu falava: “Rapaz, você, desse tamanho, está aqui e não me consegue fazer minha televisão internacional.” Eu fiz uma televisão, e eu estou saindo daqui a sete meses, portanto, talvez eu nem veja a integração total e absoluta da nossa televisão. Gostaria de ver, Tereza, antes de eu sair do governo, a integração, ela transmitindo na América Latina, para que “yo pudiera hablar un poco en español” com algum companheiro espanhol.

Bem, de qualquer forma, eu estou gratificado. Estou gratificado, porque eu sei que não foi fácil. Mas o fato de nós, hoje, estarmos estreando a nossa TV Brasil Internacional, passando em 49 países africanos, é uma coisa extraordinária, muito aquém daquilo que nós precisamos, muito aquém, precisamos muito mais, porque eu aprendi que uma pessoa, ela só é respeitada se ela se respeitar. Eu acho que o Brasil, durante muito tempo, não se respeitou, e se não se respeitasse, ninguém poderia exigir que alguém



respeitasse o Brasil.

Então, essa televisão, ela pode ser o jeito de ser deste país, o jeito de ser no futebol, o jeito de ser no carnaval, o jeito de ser na medicina, Lucinha, o jeito de ser na medicina, o jeito de ser na cultura, o jeito de ser na política, o jeito de ser nas organizações sociais. Essa é uma televisão plena, que vai desnudar este país maravilhoso para o mundo que gostaria de conhecê-lo, mas não conhece. Não é possível, não é possível que a gente fique ligando a televisão e vendo apenas coisas que, muitas vezes, não tem interesse diretamente conosco.

Quero agradecer ao Conselho da EBC, porque se tem uma coisa plural é o Conselho da EBC. E nós fizemos isso exatamente para que este Conselho sobreviva aos presidentes, sobreviva aos governos, quem quer que entre tenha um Conselho plural, que estará tomando conta de uma coisa chamada Empresa Brasileira de Comunicação e agora, mais seriamente, da TV Internacional, da nossa querida TV Brasil.

Portanto, Tereza, parabéns, parabéns pelo trabalho. Parabéns, minha querida Maria Helena Chiarelli. Parabéns aos funcionários. O Franklin disse: “De duas televisões que pensavam diferente, que...” E é difícil mudar.

Eu queria aqui, Franklin, dar os parabéns para você também, porque mesmo que as coisas não funcionem bem, as pessoas acreditam que funciona e não querem mudar. Ultimamente, a única coisa fácil que as pessoas querem mudar é de marido e de mulher, o resto ninguém quer mudar, ninguém quer mudar de nada. Nem o Franklin muda de time de futebol.

Então, eu queria dar os parabéns a todos vocês que chegaram até aqui, e pedir a Deus que vocês possam chegar até onde a gente pensou que ia chegar. E vou repetir aqui: no dia 1º de janeiro de 2003, eu disse “nós vamos fazer primeiro o necessário, depois nós vamos fazer o possível, e quando menos imaginar, nós estaremos fazendo o impossível. E esperem para ver do que nós somos capazes”.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado e parabéns.

(\$211A)